

Olimpíada  
DE LÍNGUA PORTUGUESA  
*Escrevendo o Futuro*

# Na Ponta do Lápis

Ano VIII – número 19  
Março de 2012

## A nossa é em português!

Vem aí o evento mais esperado do ano,  
a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo Futuro* 2012.

Nossos atletas são os estudantes de todas  
as escolas públicas do Brasil  
e os técnicos, os seus professores de português.

O lançamento nacional acontece em março  
e você já pode incluí-la em seu planejamento.

**Venha participar que a língua é nossa!**

Parceria



Coordenação  
Técnica



Iniciativa



A gente continua  
escrevendo o futuro.  
**Vem aí a 3ª edição!**

Distribuição gratuita

Boa prosa tem três estágios:  
o musical, em que é composta;  
o arquitetônico, em que é construída;  
e o têxtil, em que é tramada.

Walter Benjamin (1891-1940)

**editorial**  
A nossa Olimpíada

4

**entrevista**  
André Neves

Da imagem se fez palavra, das duas se fez história

6

**reportagem**  
Profissão de princípios

12

**tirando de letra**

Relato: jogo entre presente, passado, futuro

18

**página literária**

Fabrizio Carpinejar  
Novíssimo testamento

24

**especial**

Ensino da escrita: uma atividade transitiva

28

**de olho na prática**

Para ajudar a memória

34

**óculos de leitura**

Palavras, palavras, palavras

40

**o que vem por aí**

Bem-vindos à terceira edição da Olimpíada!

42

# A nossa olimpíada

**É** difícil não se alegrar com um acontecimento como a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Ainda mais porque ela chega, em 2012, à terceira edição. Motivos não faltam para comemorar, afinal, são dez anos de trabalho bem-sucedido do Programa *Escrevendo o Futuro*, iniciado em 2002, e que foi o modelo para a criação da Olimpíada.

Não há dúvidas sobre a sua envergadura. Mas ela não é grande apenas pela capacidade de mobilizar milhões de estudantes, milhares de escolas e de professores de todos os quadrantes do país. Apesar de focada no ensino da língua, é um programa educacional amplo que envolve as famílias e a comunidade do bairro ou da cidade onde a escola participante está inserida, pois chama a atenção e provoca reflexão sobre o lugar em que se vive. Esse programa também proporciona uma surpreendente união de esforços, que começa com o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, passa pelo Cenpec e ainda recebe a colaboração fundamental de entidades como a Undime e o Consed, que atuam com as secretarias municipais e estaduais de Educação.

Por isso reafirmamos sempre que a Olimpíada não é apenas um concurso de textos, independentemente dos méritos de tais estratégias para colaborar para a melhoria da leitura e da escrita dos estudantes brasileiros. Ela tem, desde o seu nascimento, o propósito de qualificar cada vez melhor os professores de língua portuguesa das escolas públicas. Por isso são oferecidos tantos cursos e materiais de formação, ações perenes voltadas para o professor, que está na linha de frente do trabalho com nossos estudantes.

Temos a ousadia de dizer que a Olimpíada é uma oportunidade de transformar o ensino da leitura e da escrita em uma ação docente voltada à formação do aluno para a vida em sociedade e para o pleno exercício da cidadania.

### **Nesta edição**

A variedade de conteúdo é a marca da primeira revista *Na Ponta do Lápis* de 2012. Para começar, uma entrevista com o ilustrador e escritor pernambucano André Neves, um jovem e premiadíssimo autor de literatura infantojuvenil. Na “Página literária”, o convidado também é um autor da nova geração de escritores brasileiros. Trata-se do poeta e contista gaúcho Fabrício Carpinejar, de quem publicamos o belo poema “Novíssimo testamento”. E, para provocar uma reflexão “linguístico-literária”, a crônica bem-humorada do professor Sírio Possenti com o sugestivo título “Palavras, palavras, palavras”.

Além desses “deleites” para os leitores, queremos contribuir para o planejamento do trabalho deste ano letivo; assim, fomos em busca dos depoimentos dos quatro especialistas que realizaram o estudo sobre textos de alunos que participaram da Olimpíada em 2010, que resultou na publicação *O que nos dizem os textos dos alunos?*. Em outro artigo o tema é relato, instrumento fundamental, às vezes esquecido, para o registro da prática. As autoras Norma Sandra de Almeida Ferreira e Lilian Lopes Martin da Silva, da Faculdade de Educação da Unicamp, nos instigam a rever as ações realizadas, os sentimentos, percepções, impressões, a escrever sobre o percurso vivido em sala de aula. E, para aguçar ainda mais a reflexão dos docentes, as questões éticas no ambiente de trabalho do professor entram em cena na reportagem.

Tudo isso e muito mais. Não podemos deixar de lembrar que em março começam as inscrições da Olimpíada. Aguardamos sua participação em 2012!

Tenham uma boa leitura e um excelente ano letivo!

andr e  
neves

# Da imagem se fez **palavra**, das duas se fez **história**

Luiz Henrique Gurgel

André Neves tem a fala suave e tranquila com o acento t pico de quem veio do Recife, apesar de viver há alguns anos em Porto Alegre, no sul do país. D  para imaginar que seja a mesma fala de seus personagens coloridos, de formas alongadas, olhos miúdos e expressivos. Ilustrador e autor de sucesso, recebeu, em novembro de 2011, o pr mio Jabuti de melhor livro infantojuvenil por *Obax*, a vida de uma menina sonhadora que mora nas savanas africanas e adora criar histórias. Nessa conversa, André nos contou a sua própria história, a do menino que desde cedo confabula com imagens.

## ■ Como eram seus primeiros desenhos? Teve influência de familiares e amigos?

Desde a infância fui envolvido por manifesta es culturais e pela arte popular de Pernambuco. A rela o com o desenho era uma coisa natural na minha casa. Tenho uma irmã que também   ilustradora. Acho que essa rela o tem a ver com uma questão pedagógica. Minha mãe foi professora da Apae. Lembro-me de que os recursos relacionados com arte que ela usava em sala de aula eram transformados em lazer, diversão e brincadeira ao chegar em casa. Pint vamos – eu e meus irmãos – sabonetes, bonecos de pedra, desenh vamos e vendíamos na própria rua. Era uma



aproximação com a arte de forma artesanal. Mais tarde, estudei e me envolvi com a arte de outra forma. Fiz relações públicas [o curso] e no último ano estagiei no Espaço Pasárgada, antiga casa de Manuel Bandeira, onde hoje é a Casa de Cultura Manuel Bandeira. Nesse espaço, eu cuidava do acervo do próprio poeta, do lançamento de livros de autores pernambucanos, de concursos literários do Estado e eventos de divulgação de livros. Convivi com escritores, pessoas que amavam a leitura, e entrei em contato com o universo editorial. Na época, eu também estudava pintura com uma grande artista plástica de Pernambuco, chamada Badida [Marisa Moreira da Costa Campos]. Ela me acompanhou durante muito tempo e foi percebendo que eu era muito ligado à palavra, até pela própria forma que me expressava plasticamente. Minhas ideias vinham de livros. Apesar de estar envolvido com a leitura, não entendia a função da linguagem visual dentro do livro, achava que meu papel era apenas fazer um desenho. Eu digo que se para fazer livro é preciso aptidão plástica, ser virtuoso, talvez eu não fosse ilustrador porque muitos artistas plásticos têm um traço muito mais bonito que o meu. A linguagem visual dentro do livro é uma imagem narrativa, uma imagem de arte que tem uma ligação com o afeto da infância e despertam a memória, as nossas lembranças.

Fotos da entrevista  
Marcia Minillo



■ **Você costuma dizer “que confabula com imagens”. Como isso acontece?**

Na verdade, sou um artista visual, consigo perceber o mundo através do olhar. Por mais que eu seja um leitor, a imagem visual é uma força de memória maior, está impregnada em mim. E, apesar de gostar muito das palavras, as ideias são sentidas, minhas palavras, buriladas. Eu nunca consigo escrever sem trabalhar a palavra. Meus textos demoram muito para ficar prontos. Vou fazendo as imagens, retrabalhando o texto. A imagem me ajuda a escrever da forma que escrevo.

■ **O que nasce primeiro: a história ou a imagem?**

É um processo simultâneo. O livro é um objeto único. Por exemplo, quando criei o roteiro para a história de *Obax*, as imagens foram surgindo na minha cabeça. Pego o bloco de texto, leio e penso em como fazer uma cena que remeta a esta ideia, como distribuir as palavras na página. Aquele desenho inicial vai se transformando, compondo com o texto, percebendo o impacto da leitura.

Escrevo corrido, à medida que monto o projeto do livro vou talhando, mudando, estruturando a linguagem. É aí que me entendo como escritor, começo a trabalhar a linguagem literária, consigo perceber minha escrita, o texto dentro do livro. Existe outra linguagem para o livro, que tem um alcance maior para o leitor da infância e o jovem leitor: um ilustrador que escreve.

■ **Seus desenhos de hoje são diferentes dos primeiros trabalhos?**

O primeiro livro que illustrei, em Pernambuco, foi um livro de cunho educativo, *O dente de leite*, escrito por Socorro Miranda. Minha ilustração era horrorosa. Só quando vim para São Paulo comecei a entender o papel da ilustração, ter a preocupação de trazer a arte para dentro do livro. Acho que foi a partir daí que fui absorvendo as referências visuais de artistas de que gosto para o meu livro. Foi em 2002, com a publicação de *Sebastiana e Severina* [prêmio Jabuti, em 2003] que o meu desenho mudou. As ilustrações anteriores tinham as

**“por mais que eu seja um leitor,  
a imagem visual é uma forma de memória  
maior, está impregnada em mim.”**

características do livro-brinquedo. Ao criar, às vezes penso na minha própria infância, em coisas que, ao ler, iriam me divertir, ou ainda em coisas que iria gostar de ver em um livro, uma imagem delicada, que desperte afeto. As pessoas me perguntam de onde vem o nariz, a forma alongada, o olho. Essas formas às vezes um pouco tronchas. Isso está na pintura de Reynaldo Fonseca, nas figuras longas de Abelardo da Hora, em Romero de Andrade Lima e na própria literatura de cordel. Vou me alimentar com a arte dos artistas pernambucanos para trazer algo novo para o leitor. As raízes culturais estão vivas, presentes no mundo. É impressionante! Os italianos são muito técnicos; os franceses, muito coloridos, os alemães escuros, com imagens pesadas, duras; os espanhóis, nem todos usam a cor. Gosto muito dos franceses, são os melhores ilustradores, altamente técnicos, inspiradores.

■ **Você recebeu em 2011 um novo prêmio Jabuti, com o livro *Obax*. Como foi a criação desse trabalho?**

A história veio naturalmente. O livro é uma história de ficção ambientada na África. Procurei retratar o norte do continente pela perspectiva visual. Sempre quis fazer um livro sobre essa cultura, um universo que nunca visitei, mas que habita meu imaginário. Foi quando vi o livro *African canvas, the art of west african women* e me inspirei nas fotos da Margaret Courtney-Clarke. Não consegui me aprofundar nas especificidades da cultura africana. Pesquisei os nomes dos personagens: *obax* (flor) e *nafisa* (pedra pre-

ciosa). A brincadeira predileta da pequena Obax é inventar histórias.

■ **Quando você não é o escritor, como se dá a interação com o autor, o diálogo entre texto e ilustração?**

Hoje, como já tenho um trabalho de certa forma reconhecido, posso escolher aquilo que quero fazer. Assim, o envolvimento é muito maior com o escritor. Normalmente, o autor não entende a linguagem visual dentro do livro, não deixa espaço para a imagem. Resolver isso graficamente dá trabalho. Também o entendimento do editor com relação ao livro nem sempre alcança o que a gente está querendo; às vezes, eu chego com ideias para editores de um determinado livro, dizendo que vai ser melhor a leitura dessa ou daquela forma. Eu preciso que o editor esteja de acordo com minhas ideias, se interesse em fazer o investimento gráfico. Muitas vezes prefiro fazer um livro que não seja tão bem resolvido literariamente, mas que eu tenha uma relação de afeto com o autor. Essa relação de afeto com a pessoa que escreve me faz acreditar que o livro também possa ser meu. Há pouco tempo fiz um livro que se chama *Cartão-postal*, do escritor Luiz Raul Machado [DCL, 2010], um homem da palavra, uma pessoa com quem me relaciono muito bem. Eu conhecia a primeira versão desse livro. Perguntei a ele se podia cortar parágrafo, mudar a frase de lugar, distribuir o texto de outra forma. Ele respondeu: “André, faça do jeito que quiser”. Isso facilita muito o papel do ilustrador; além de proporcionar uma relação do leitor com a arte, pode dar velocidade e facilidade de leitura.



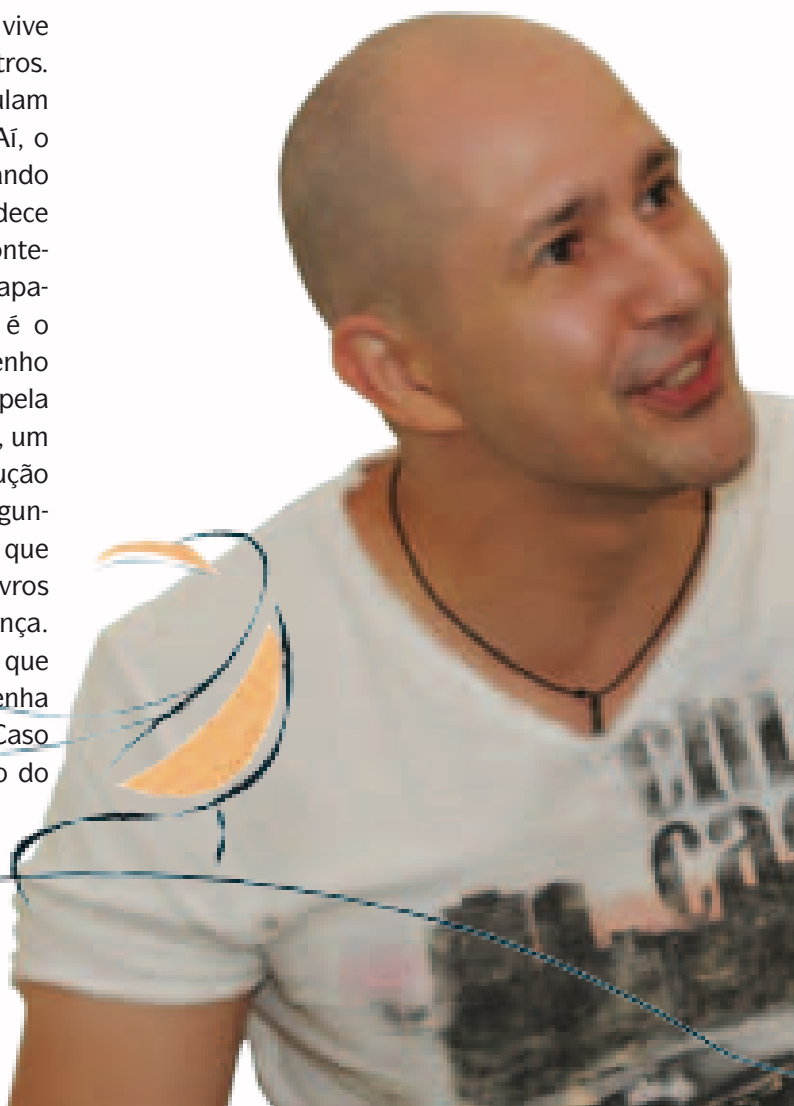
**“ao criar, às vezes penso na minha própria infância, em coisas que, ao ler, iriam me divertir, ou ainda em coisas que iria gostar de ver em um livro, uma imagem delicada, que desperte afeto.”**

■ **Em que você está trabalhando agora?**

Lancei em novembro o livro *Maroca e Deolindo*, pela editora Paulinas. É um livro de contos e pela primeira vez estou escrevendo mais do que ilustrando. São doze histórias, uma para cada mês do ano, inspiradas em festas da cultura popular brasileira. Tem história de São João, da Semana Farroupilha, da Procissão do Fogaréu, do Círio de Nazaré, da Cavalhada. Na história de São João, que foi a primeira que escrevi, as crianças de uma cidade querem juntar um casal impossível: um homem que é cachaceiro e uma mulher que vive na janela fazendo fofoca da vida dos outros. Querem que se casem. Tramam, confabulam para juntar os dois, mas não tem jeito. Aí, o padre chega para as crianças e diz: “Quando as coisas não acontecem, Deus se compadece e, de um jeito ou de outro, as coisas acontecem”. Até que no dia de São João o casal aparece dançando quadrilha: o cachaceiro é o noivo e a fofoqueira, a noiva. Também tenho dois outros livros para lançar: *Malvina*, pela editora DCL, e *Tra nuvole* (“Entre nuvens”), um livro publicado na Itália, ainda sem tradução confirmada no Brasil. As crianças me perguntam se vou escrever para adulto. Digo que não porque já escrevo para adulto. Faço livros para a infância do adulto e para a criança. Mas se vocês estão falando de um livro que tenha mais volume de texto, que não tenha imagens, pode ser que sim, lá na frente. Caso isso aconteça, a história vai estar dentro do universo da infância.

■ **Que pista dar ao professor para trabalhar com a imagem, ampliando o olhar dos alunos e criando novas portas para leitura?**

Antes de chegar à leitura da palavra é preciso estudar, perceber a sensibilidade do olhar. E isso, talvez, só possa ser feito através da arte. Na formação escolar há pouco entendimento do que é arte. Você percebe a trajetória de um artista por meio de sua



## twitter oral

obra, de sua vida, de suas cores, dos seus traços. Por exemplo, o Iberê Camargo, que é um pintor do Rio Grande do Sul, conhecido no mundo e no Brasil como artista de uma obra escura, agressiva. Iberê Camargo pintou temas relacionados à infância: *Ciclistas*, *As idiotas*, *Carretéis*, *Manequins*, *Fantasmagoria*. O fato de desenhar com aquela luz, com aquela sombra, com aquele peso, tem a ver com a trajetória do artista. A imagem tem tudo o que um texto traz, só não tem dentro dela a palavra. Assim como na palavra tem a essência do escritor, dentro do quadro tem a essência do artista. É preciso entender e respeitar a manifestação, a sensação que o artista está provocando em você.

Um mote é lançado e André Neves responde em poucas palavras, como no Twitter.

### **um desenho na parede de casa**

Chiara Sacchi, ilustradora italiana.

### **ler ou ouvir histórias?**

Ler.

### **livro é...**

Um corpo: olho, orelha, rosto, miolo.

### **desenho que gostaria de fazer**

Graça Lima, a pessoa dela é uma grande imagem.

### **imagem que vale mais que mil palavras**

*Solidão*, de Iberê Camargo.

### **autores de cabeceira**

Fernando Paixão, Manuel Bandeira, Raimundo Carrero, Fabrício Carpinejar, Bartolomeu Campos de Queirós, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Cíntia Moscovich, Claudia Tajes...

### **chuva preferida**

Chuva de Obax, de flor, chuva de imaginação.

# Profissão de princípios

Fomos conversar com especialistas e professores para falar de um tema pouco discutido nas escolas: a ética docente.

Luiz Henrique Gurgel

- # Que princípios devem balizar as ações do professor?
- # É necessário um código de ética, como de advogados e médicos?
- # Conduzir-se eticamente é inerente à profissão de educador?
- # Que princípios devem regular a conduta dele?



Antes de responder a algumas perguntas para esta reportagem, a professora **Joa-na D'Arc Silva**, da cidade de Aliança, em Pernambuco, disse que ser professora não era só uma profissão, mas “uma missão”. O atributo, desde sempre associado a educadores, também serviu muitas vezes para encobrir, por trás do “missionário”, o profissional de conhecimento específico e responsável por um serviço público essencial em qualquer sociedade: formar as novas gerações.

Todo educador, ao escolher a carreira, leva consigo os sonhos e um projeto de vida que dá sentido à própria escolha. Isso também implica conhecer e adotar os princípios que balizam as condutas do profissional de educação, dentro dos objetivos que a atividade exige. Por esse lado, é possível falar em “missão” do educador e, a partir daí, pensar em uma ética profissional. Mas, diferentemente do que ocorre em outras atividades, não existe um código de ética para professores, com indicação de regras de conduta específicas, capaz de dar conta de cada tipo de problema que possa surgir no trabalho docente.

Para alguns especialistas ouvidos por *Na Ponta do Lápis*, discussões sobre questões éticas relacionadas ao trabalho do educador são fundamentais. Eles só questionam a necessidade de um código desse tipo. “Quais seriam os marcos regulatórios específicos para o exercício da profissão? E o que isso difere dos princípios da boa conduta do cidadão responsável, comprometido com o dever do seu ofício?”, pergunta **Isabel Cristina Santana**, gerente da Fundação Itaú Social, com atuação em vários projetos educacionais pelo país. Para ela, ao se propor um código de conduta, o que existe é a preocupação



com um código moral que regule comportamentos. “Quando se fala em ética, não dá para prescindir da existência de um sujeito livre para deliberar, que seja capaz de avaliar, prever e antecipar as consequências dos seus atos, ou seja, o exercício da ética pressupõe autonomia, a capacidade de se guiar por escolhas conscientes. É o contraponto da heteronomia, que é fazer as coisas porque a regra manda. E ter um código de conduta simplesmente para ter regras a serem cumpridas, isso já temos aos montes”, afirmou.

Ideia semelhante é defendida por **Antonio Augusto Gomes Batista**, coordenador de Desenvolvimento de Pesquisas do Cenpec e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Por achar difícil dar exemplos práticos, diante das muitas e variadas situações vividas pelo professor na escola, acha mais necessária a existência de princípios orientadores de condutas que apenas um conjunto de regras. Entre esses princípios, o mais importante, na opinião dele, é pensar que “o aluno está acima de tudo”. E, sendo assim, todas as ações do professor devem ser avaliadas de acordo com a sua função educacional e formativa. “Se não tem esse caráter, não é uma boa ação”, resume.

## ■ Mas o que fazer no dia a dia?

Dessa ideia geral, Batista chega a outro princípio: o de que o aprendizado do aluno é fundamental. Nada, portanto, pode prevalecer sobre a busca de ensinar ao aluno aquilo que ele deve aprender. E desse novo princípio, aí, sim, Batista exemplifica com uma

*“Quando se fala em ética, não dá para prescindir da existência de um sujeito livre para deliberar, que seja capaz de avaliar, prever e antecipar as consequências dos seus atos.”*



*Isabel Cristina Santana,  
gerente da Fundação Itaú Social.*

Chris Ruffato

regra prática, com base em uma situação vivida por ele próprio: “O professor está cansado, está no limite – eu já vivi essa situação. Ele não pode abandonar a classe e fazer outra coisa ou dizer: ‘Vocês vão fazer o que quiserem’, por mais cansado que esteja. Ele precisa dar aos alunos alguma tarefa que não seja apenas educativa, mas que também envolva o aprendizado. Ele deve se poupar naquela situação, porque não dá mais conta, mas tem de arrumar uma solução”.

Por assumir uma responsabilidade individual quando opta pela profissão, o professor não pode justificar nenhum tipo de omissão. Para Batista, apesar de toda a desvalorização da carreira, dos baixos salários e, em geral, das péssimas condições de trabalho, “nada justifica dizer: ‘Como eu recebo um salário de segunda classe, vou fazer um trabalho de segunda classe’. Isso é antiético e irresponsável”. Ele também considera inadmissível que um educador realize um trabalho de “segunda classe” pelo fato de ter, supostamente, alunos mais fracos ou desinteressados: “É comum termos casos de professor que leciona em escolas públicas e particulares e que faz, na pública, um trabalho pior que na particular. Há um descompromisso porque se pensa que o trabalho realizado com aquela população pode ser de segunda classe”.

Disso tudo decorre novo princípio, segundo o pesquisador: o de que, independentemente da origem social do aluno, a educação é um direito de todos. “Ela não é privilégio e deve ser igual e da mesma qualidade para todos. Não se pode diferenciar o trabalho que se realiza em razão da origem social, da raça, da orientação sexual ou da religião”.

*"A educação não é privilégio e deve ser igual e da mesma qualidade para todos. Não se pode diferenciar o trabalho que se realiza em razão da origem social, da raça, da orientação sexual ou da religião".*



Antonio Augusto Gomes Batista, coordenador de Desenvolvimento de Pesquisas do Cenpec.

Marcia Mimillo

*"Ter postura democrática, ser capaz de contribuir para a solução de conflitos e ter atitude de abertura para com toda a comunidade escolar, incluindo as famílias"*



Marcia Minillo

*Célia Farias, professora de língua portuguesa de Malhada de Pedras (BA).*

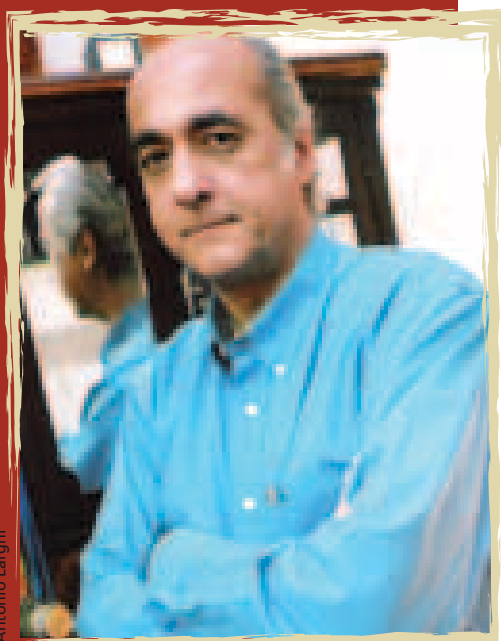
## ■ Retomar uma nova noção de autoridade

Outro aspecto diretamente relacionado à postura e ao trabalho cotidiano do professor foi apontado com destaque por quase todos os entrevistados: a questão da autoridade. Se em outros tempos o professor era visto como possuidor de um poder absoluto, de conduta inquestionável, hoje essa imagem já não predomina e ele precisa, diante de seus alunos, conquistar essa autoridade. “Essa é uma das grandes dificuldades de ser professor hoje”, confirma Batista. A queixa mais comum são os “malabarismos” que o educador tem de fazer para motivar e manter os alunos dedicados ao trabalho e ao estudo, já que retomar essa autoridade não significa exercê-la com arbitrariedade, sem deixar espaço para a liberdade de manifestação dos estudantes. O que é preciso deixar claro, nessa relação, é que existem limites para se respeitar. “Há pouco espaço para posturas autoritárias do professor, tão comuns até recentemente. Ele deve ter postura democrática, ser capaz de contribuir para a solução de conflitos e ter atitude de abertura para com toda a comunidade escolar, incluindo as famílias”, diz **Célia Farias**, professora de língua portuguesa na cidade de Malhada de Pedras, interior da Bahia.

Certos comentários podem gerar atritos, desarmonizar o ambiente escolar, lembra a professora Édina Freitas, de Içara, Santa Catarina: “O que conversamos em conselho de classe, encontros, reuniões, e até mesmo na sala dos professores, é mencionado em sala de aula, e muitas vezes com outra conotação”.

Para outro especialista, o professor e consultor **Paulo Afonso Ronca**, doutor em psicologia educacional pela Unicamp, uma “ação ética urgente” é retomar a valorização

"Ser um professor ético é reconhecer que não é um mero transmissor de conhecimentos para os vestibulares da vida, mas um formador da personalidade de seus alunos. reconhecer que a sua função na sociedade é uma das mais respeitáveis e cabe a ele ser agente de transformações sociais e políticas"



Antonio Larghi

Paulo Afonso Ronca, doutor em psicologia educacional pela Unicamp.

e a autoimagem do educador, fazendo com que ele próprio reconheça sua autoridade e a importância do seu trabalho: "Ser um professor ético é reconhecer que não é um mero transmissor de conhecimentos para os vestibulares da vida, mas um formador da personalidade de seus alunos. É reconhecer que a sua função na sociedade é uma das mais respeitáveis e cabe a ele ser agente de transformações sociais e políticas. Ele faz parte de um corpo de profissionais que têm o destino de um país nas mãos", defende.

## ■ A consciência do inacabamento

A relação docente-discente também passa, nas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2006), pela "consciência do inacabamento". O professor que conduz seu trabalho eticamente reconhece que os alunos e ele próprio estão em permanente construção e busca por conhecimento. "O desejo do saber deve guiar a ética do professor", afirma Antonio Augusto Gomes Batista. "O professor ético abre os olhos e a alma para compreender o mundo ao seu entorno e responsabilizar-se por transformá-lo", acentua Ronca. É uma unanimidade dizer que o trabalho do educador não pode estar baseado apenas no que ele já sabe. "É insuportável estar em sala de aula se você souber tudo ou pressupor que sabe tudo o que está ensinando. Fica insuportável estar em sala de aula quando o professor não aprende. É importante aprender com os alunos, com as situações que surgem, descobrir o tempo todo novas formas de ensinar. Professor que está sentado em cima do saber não consegue trabalhar e se torna um professor muito ruim, toma decisões éticas ruins", conclui Batista.



# Relato: jogo entre presente, passado, futuro

Norma Sandra de Almeida Ferreira  
Lilian Lopes Martin da Silva<sup>1</sup>

## ■ Acumular o vivido

Acumulamos “guardados”. Na memória, em papéis de todo tipo, grandes e pequenos, nos arquivos do computador, no meio de livros, em caixas, baús, maleiros de guarda-roupas, em pastas, na forma de tatuagens no corpo...

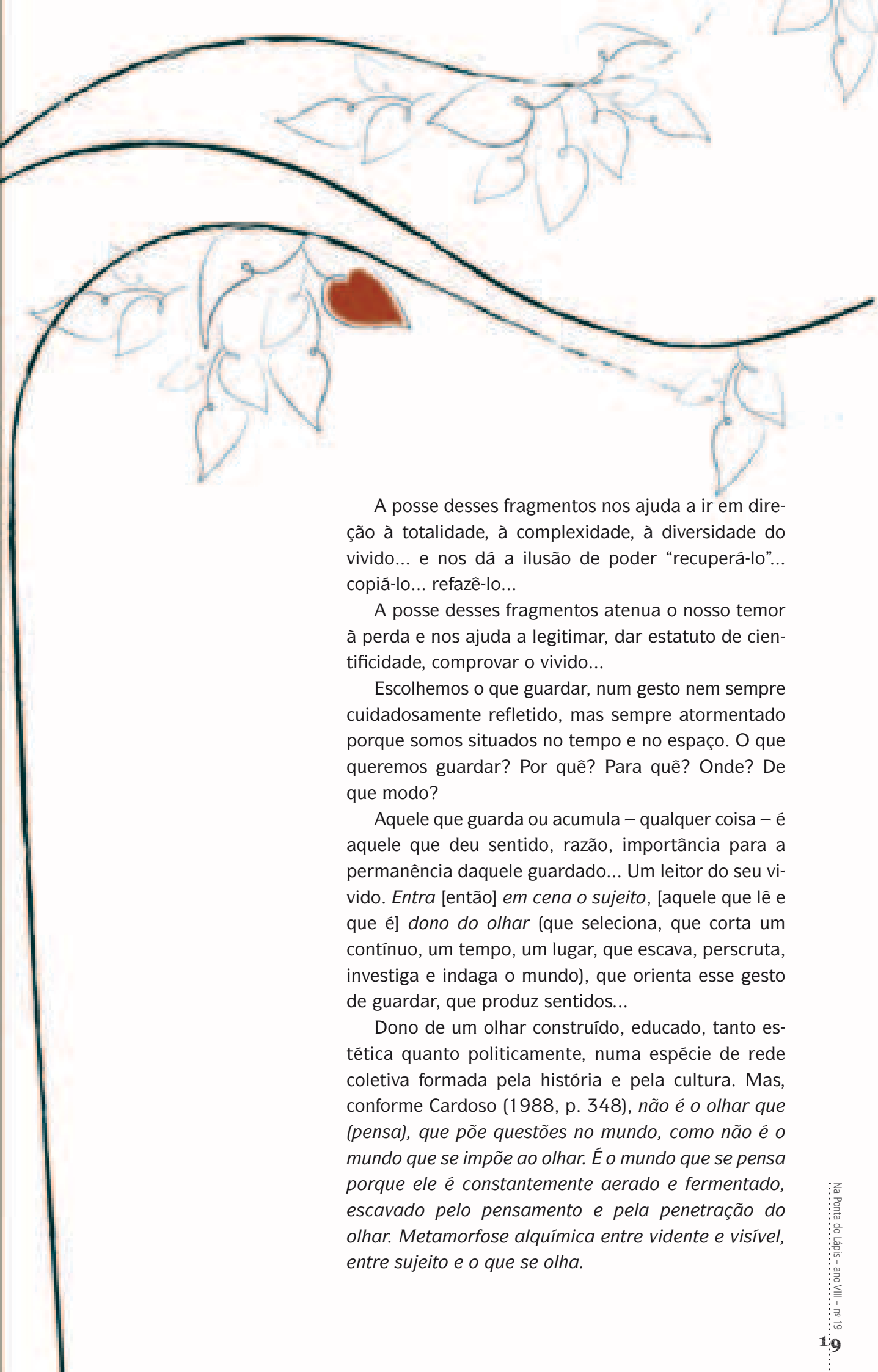
Muitas vezes acumulamos objetos, fotos, convites, passagens, anotações, horas de estudo, registros de aulas e de propostas de trabalhos, fichamentos, notas e resenhas de livros, modelos de avaliação para alunos, certificados, *e-mails*, bilhetes, uma folha de árvore... uma pétala de rosa... uma concha... um santinho...

Esses fragmentos nos ajudam a lembrar (não esquecer) momentos, pessoas, acontecimentos... referências de um tempo, de um lugar... Não fossem eles:

*Em casa, ao planejar a aula, fiquei tentando me lembrar das oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro de 2008. Nesse momento, percebi a importância de registrar as experiências. Que falta faz o relato de experiência – trabalhei as oficinas, os alunos fizeram entrevistas, fizemos uma exposição de objetos antigos (embora tenha tirado fotos, não as encontrei). Nenhuma pista. Que ironia: trabalhar com o gênero memórias literárias e não ter nada da OLP 2008 para contar a história.*

*Comecei, literalmente, as buscas na minha memória. Lembrei-me de um texto que havia guardado e fora vencedor da escola... (Oliveira, 2011, p. 26).*

1. Professoras da Faculdade de Educação – Unicamp, grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE).



A posse desses fragmentos nos ajuda a ir em direção à totalidade, à complexidade, à diversidade do vivido... e nos dá a ilusão de poder “recuperá-lo”... copiá-lo... refazê-lo...

A posse desses fragmentos atenua o nosso temor à perda e nos ajuda a legitimar, dar estatuto de cientificidade, comprovar o vivido...

Escolhemos o que guardar, num gesto nem sempre cuidadosamente refletido, mas sempre atormentado porque somos situados no tempo e no espaço. O que queremos guardar? Por quê? Para quê? Onde? De que modo?

Aquele que guarda ou acumula – qualquer coisa – é aquele que deu sentido, razão, importância para a permanência daquele guardado... Um leitor do seu vivido. *Entra [então] em cena o sujeito, [aquele que lê e que é] dono do olhar* (que seleciona, que corta um contínuo, um tempo, um lugar, que escava, perscruta, investiga e indaga o mundo), que orienta esse gesto de guardar, que produz sentidos...

Dono de um olhar construído, educado, tanto estética quanto politicamente, numa espécie de rede coletiva formada pela história e pela cultura. Mas, conforme Cardoso (1988, p. 348), *não é o olhar que (pensa), que põe questões no mundo, como não é o mundo que se impõe ao olhar. É o mundo que se pensa porque ele é constantemente aerado e fermentado, escavado pelo pensamento e pela penetração do olhar. Metamorfose alquímica entre vidente e visível, entre sujeito e o que se olha.*




## ■ Registrar

A vida cotidiana não é mesmo “objetiva”, reta, certa. Podemos pensá-la como uma sucessão de “linhas de fuga”... algo que se bifurca continuamente... um “chão ensaboadado”, bastante escorregadio ou móvel... no qual nos esforçamos para ficar equilibrados.

Essa vida, registrada em fragmentos acumulados, na memória ou em outro suporte material, pode ser posteriormente “lida” por nós. Não apenas para dela nos lembrarmos, mas para entendermos melhor tais vivências e a nós mesmos; para equacionarmos trajetos realizados e valorizados; processos experimentados.

Na leitura, podemos domesticar a abundância... tentamos desfazer o caos e a dispersão; ressignificamos o vivido. Então: escolhemos, separamos, classificamos, nomeamos, ordenamos (cronológica, causal, temática, hierarquicamente etc.); enfim, realizamos uma intervenção no acúmulo, no “tudo junto e misturado” dessa vida, traçamos uma espécie de itinerário.

Realizamos todas essas operações de leitura (de produção de sentidos) porque os registros do passado se oferecem como lugares de partida para a invenção, recriação, planejamento do futuro, permitindo ainda que venhamos a escrever com eles um relato ou narrativa. Assim, passado e futuro se misturam no presente da leitura e da escrita.



### Combinar e contar a beleza dos fios

Encontro-me em um dia cinzento de julho, há um frio que convida à leitura e o meu desafio é começar a escrever o que será lido por outrem. Desafio de contar sobre a beleza de caixas quase mágicas que entrelaçaram relatos de crianças e professoras sobre suas memórias, sobre suas leituras. Tessitura de palavras, urdiduras de fios de história de pessoas que conviveram intensamente no ano de 2001, na quarta série no Colégio Anglo/Campinas. Talvez a dificuldade maior seja o combinar e contar a beleza dos fios reais dessa história que não se desprendem da minha própria e de todo o trajeto de estudo que me constitui como professora. Rogo a ajuda de Sherazade, princesa das histórias árabes, inspiradora das minhas palavras.

Ribeiro, 2004, p. 4.

## Flechada por Rafael

Enquanto o “como” aproximar-me da questão principal de pesquisa me atormentava, eu continuava vivendo o meu cotidiano de professora, interagindo com meus alunos, colegas e a Cris, minha coordenadora. Naquele ano eu vivia um particular embate com um dos meus alunos, o menino com nome de anjo, Rafael. Em meio a ataques frontais com flechas de provocação, de indisciplina, de repúdio, ele me trazia fotos de seu cachorro, de seus amigos... Ele sempre foi tema de longas conversas nas minhas orientações e me desafiava no sentido de buscar uma maneira de ser melhor aceita e de tornar os dias em que dava aulas para sua turma, mais leves. Não é possível esquecer o dia em que a Cristina, coordenadora da escola, com sua extrema sensibilidade e perspicácia, me sugeriu que trouxesse coisas minhas, fotos, objetos para mostrar ao Rafael.

Pensei bastante e, numa caixa de sapatos, eu coloquei o meu primeiro boneco, algumas fotos, uma das bonecas preferidas. Aquela caixa não passou despercebida... O boneco puído e a boneca careca chamaram a atenção de todas as crianças, e a caixa, que se direcionava apenas ao menino Rafael, se tornou atração coletiva. A espécie de encantamento que aqueles brinquedos antigos e as fotos amareladas despertaram, se traduzia em olhares curiosos e surpresos.

– Ah! Lu, cada um podia fazer a sua...

Os meus fragmentos de história pessoal tocavam as histórias deles.

Ribeiro, 2004, p. 31.

### ■ Relatar em linguagem verbal

Há diferenças entre viver, lembrar, registrar e relatar, assim como também há diferenças entre relatar oralmente e por escrito.

Quando desejamos contar nossa vida, em linguagem verbal, na modalidade oral ou escrita, impõe-se para todos nós as propriedades dessa forma de linguagem: sua linearidade, segmentação, convencionalidade etc.

Na modalidade oral, ainda temos mais flexibilidade, pois dizemos, hesitamos, redizemos, voltamos atrás, damos volta, corrigimos interpretações... Mas na escrita... em que aprendemos que é preciso fazer uso de convenções próprias dessa modalidade... Contar pode ser mais difícil.

Embora sejam diferentes, em ambos os casos a escolha pela linguagem verbal é “constitutiva” do relato. *Nela e com ela*, daremos forma às nossas vivências e práticas. O *com que* contamos ajuda a moldar, com suas características, o nosso contar.



Igualmente, aquilo que contamos, oralmente ou por escrito, (o *o quê* de nosso contar) pode “pedir” este ou aquele gênero de texto. Há aqueles mais apropriados para o oral e os mais típicos do escrito: uma piada, um relato, uma redação, um caso etc. vão “impor” certas características próprias de cada gênero.

Em ambos os casos, estamos nos colocando lado a lado com nossos interlocutores. E são eles (o *para quem* contamos) que também “orientam” nosso contar, nos ajudando a configurá-lo, como conteúdo e forma.

Do mesmo modo, se é por meio de nossa voz, ou de algum outro suporte material de texto, seja ele o jornal, diário íntimo, *blog*, internet, caderno escolar etc. (o *onde* de nosso contar), serão suas características que lhe darão contorno. Cada um desses suportes tem determinado “espaço”, certa fórmula ou jeito.

Participam, também, dessa configuração do “texto” sua intenção e sua motivação; a situação em que ocorrem. (seu *para quê* e seu *porque*).

*Aquele que diz* – sujeito do texto e seu autor – é ainda uma importante dimensão do texto. É um sujeito situado, que escolhe fragmentos do cotidiano (o que), os edita e os arranja com certos recursos (como, onde), os narra de certo lugar (quem), movido por certos desejos ou motivos (por que), para produzir certo efeito de sentido (para que), numa certa experiência de linguagem, que inclui o(s) outro(s).

## **Lembrar, relatar, pensar**

Na tentativa de apresentar esse campo de estágio, tento retomar minhas primeiras lembranças de nossa entrada na escola. O que lembro, primeiramente, é do ônibus 3.78 (Barão Geraldo - Shopping Iguatemi) lotado, indo para lá, e dentro dele uma série de crianças e a inevitável pergunta: será que algum deles estuda no Gustavo Marcondes? Mas de onde estão vindo? Por que vêm de tão longe estudar aqui? A resposta para parte dessas perguntas já poderia ser verificada na entrada da escola. Ao contrário de muitas escolas públicas, a escola Gustavo Marcondes não possui pichações, os banheiros possuem portas, há cartazes nas paredes, murais e enfeites. Uma escola diferente daquilo que comumente vemos e ouvimos falar sobre as escolas públicas.

Fiad e Silva, 2009

## ■ Relatar: jogo entre presente, passado, futuro

Tentar trazer esse vivido constituído de fragmentos cheios de sons, movimentos, cores, cheiros, gestos, rostos, lugares para um discurso em linguagem, **na forma escrita**, que o torne possível de ser comunicado, socializado e compreendido é outro desafio.

Se escrito, um relato de experiências não é feito apenas com os registros que indicam as ações porventura realizadas, mas também com os sentimentos, impressões e percepções que as acompanharam e aqueles que acompanham o próprio relatar.

Se escrito, o relato de experiências vividas pode trazer, ainda, fotos selecionadas, ilustrações, tabelas, bilhetes, versos, anotações, vestígios dessas vivências. Vê-se apoiado no registro escrito. Conta com ele para fazer frente ao esquecimento. O sujeito que “atua” no presente dessa produção se coloca de forma acentuada em sua composição ou edição.

A escrita coloca em letra o vivido. Ela pede que ordenemos e interliguemos pontos esparsos, preenchemos lacunas, inventemos palavras para “traduzir” aquilo que poderia estar perdido e disperso. Ela segue regras próprias de seu universo. Fabrica o vivido. Faz história. Pode ser lida, relida, revista, revisitada e reescrita.

Assim, o relato estabelece um belo jogo entre passado das vivências e de seu registro, o presente de sua produção e o futuro de sua recepção.

### Referências bibliográficas

- CARDOSO, S. “O olhar dos viajantes”, in: NOVAES, A. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 347-360.
- FIAD, R.; SILVA, L. L. M. “Escrita na formação docente: relatos de estágio”. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Brasil, 31/10/2009. Disponível em <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/3600/3600>> .
- OLIVEIRA, E. B. “Nem sempre foi assim...”, in: *Na Ponta do Lápis*. São Paulo: Cenpec, ano VII, nº 16, março de 2011.
- RIBEIRO, L. F. “Entre caixas de Pandora, canastras de Emília e bolsas amarelas: memórias de leitura”. Campinas: Faculdade de Educação – Unicamp, 2004. Dissertação de mestrado.

Fabício Carpinejar

# Novíssimo Testamento

Legendar a conversa dos pássaros ao amanhecer,  
esticar o arame do violino,  
restaurar o som dos peixes com o veludo dos pés,  
acolher o elogio dos defeitos,  
prender em gaiolas os livros de leitura avoada,  
trocar mensalmente a terra do rosto,  
agradecer a quem te cumprimenta por engano,  
empregar as ervas como escolta das flores,  
desaparecer na visibilidade,  
interromper a sesta do vento,  
repor as telhas do fogo,  
esperar o porão subir com os frutos,  
conhecer-te na medida em que me ignoro,  
repetir os erros para decorar os caminhos,  
ressuscitar a brasa das cinzas,  
saber uma chama de ouvido,  
afiar a faca na compra para que seja leal na despedida,  
levantar atrasado, com a solidão ao lado,  
distanciar o desespero e alegrá-lo com a saudade,  
reverenciar o muro que nos permite imaginar uma vida diferente da nossa,  
escolher as melhores maçãs pelo assédio dos insetos,  
assobiar estrelas entre os telhados,  
partir os cabides ao arrumar as malas,  
pensar baixo para não ser escutado,  
avisar das falhas na calçada,  
seguir quem está perdido,  
gritar nos ouvidos da claridade até surgir relâmpagos,  
estreitar as vigas da face com a rede do riso,  
tragar o vapor do inverno na véspera de ser vidro,  
ter a infância assistida pelas parreiras,  
ser a primeira roupa do teu dia,  
nascer póstumo,





identificar o corredor do hospital nos arbustos podados,  
correr na contramão do rio,  
desafiar as cigarras, desafinando mais alto,  
transpor a aparência do inferno,  
converter o ódio em curiosidade do amor,  
acelerar o passo para a névoa não encurtar o dia,  
arrancar do fruto o que voava do coração parado da ave,  
revezar com o pessegueiro a guarda da porta,  
jejuar para doar o sangue,  
enredar teus joelhos como forquilhas da fogueira,  
enervar a vela com um lance de olhos,  
cobrir com jornais a pedra fria,  
buscar um confidente fora da consciência,  
barbear a insônia com a lâmina dos seios,  
descobrir o irmão mais velho no silêncio do caçula,  
obedecer à intuição das dúvidas,  
abandonar teu corpo antes da luz depor o peso,  
morar no clarão exilado,  
respeitar o mar quando está rezando,  
curvar-se no violão como uma violeta cansada,  
compensar a forte dose da fala com os gestos,  
imitar a elegância de objetos esquecidos,  
espantar o pó com a lâmpada dos dedos,  
desfrutar do feriado das tranças,  
deixar a música se inventar sozinha,  
desperdiçar o fôlego fingindo trabalhar,  
ouvir o sol de noite,  
segurar no braço da cerração para atravessar a rua,  
procurar minha voz em outros autores,  
retribuir o aceno das sobranceiras,  
presenciar da janela a palestra da chuva,

espreguiçar a camisa dormida de espuma,  
eleger tristezas para concorrer com as tuas,  
puxar a cadeira na saída  
(e observar tuas pernas roçando a toalha da mesa),  
engolir de volta as palavras que te agrediram,  
cortar a artéria de um beco e sangrar a saída,  
medir a altura do poço com uma moeda,  
entender que meus livros são parecidos comigo  
(demoram a fazer amigos),  
verificar o pulso da madeira,  
desconfiar das superstições confiando nelas,  
achar no pesadelo um quarto para dormir,  
conservar a imagem da casa quando criança,  
arder como um musgo na soleira da porta,  
descer o fecho do vestido e vestir o quarto,  
caminhar com a sandália de teus lábios,  
ajustar o cavalo na cintura da estrada,  
rebobinar o pulmão com a asma,  
morrer tentando não morrer,  
golpear o tambor com a força dos pés,  
compreender sem concordar,  
combinar encontros e desencontrar-se consigo no meio do trajeto,  
desistir de compor o diário porque não existe segredo quando escrito,  
anotar na agenda as reuniões que não quero ir,  
apiedar-se da vocação fúnebre do guarda-chuva,  
falir na memória preservando a imaginação,  
acautelar-se das paredes velhas, o cimento armado,  
carregar o sobretudo como uma garrafa vazia,  
comemorar o que desconhecemos um do outro.

In: Fabrício Carpinejar. *Biografia de uma árvore*.  
2ª ed. São Paulo: Escrituras, 2002.



**Fabrício Carpinejar** é escritor, jornalista e professor universitário, autor de dezessete livros, pai de dois filhos, um ouvinte declarado da chuva, um leitor apaixonado do sol. Quando conseguir se definir, deixará de ser poeta.

# Ensino da escrita: uma atividade transitiva

Conheça o que dizem especialistas que analisaram textos produzidos por estudantes na última edição da Olimpíada

Uma das principais publicações da Olimpíada em 2011 – *Olimpíada de Língua portuguesa Escrevendo o Futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?* –, lançada em Brasília durante o seminário “A escrita sob foco: uma reflexão em várias vozes”, tornou-se fonte valiosa para o planejamento de professores que desejam aprimorar a produção de textos com suas turmas.

O livro teve a produção coordenada pelo professor Egon de Oliveira Rangel (PUC-SP) e apresenta um estudo realizado por quatro especialistas em língua portuguesa: Ana Elvira Gebara, Ana Luiza Marcondes Garcia, Cloris Porto Torquato e Elizabeth Marcuschi. O trabalho analisou uma amostra de 1.600 textos escritos por alunos de escolas públicas brasileiras que participaram em 2010 da etapa estadual da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

A equipe de *Na Ponta do Lápis* esteve no lançamento, quando os autores da pesquisa fizeram considerações sobre o trabalho, e selecionou trechos das apresentações. São informações que podem contribuir para a reflexão sobre o ensino da escrita.

O livro também pode ser lido na íntegra na página da Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro*: < [www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br) > .

## ■ Autonomia na escrita

O linguista Egon de Oliveira Rangel abriu o encontro dizendo que “o conjunto das produções analisadas permitiu ‘fotografar’ o que alunos e professores conseguiram realizar ao eleger a escrita como fio organizador do trabalho em sala de aula. A escrita é uma atividade de construção de sentidos e, portanto, uma atividade transitiva. Afinal, escrevemos sempre para um interlocutor determinado, movidos por certos objetivos ou motivações, a respeito de assuntos que são de interesse comum em relação aos interlocutores que nós escolhemos e, como nos diz Mikhail Bakhtin, envolvendo um determinado gênero”.

Para Egon, no contexto da Olimpíada o aluno escreve para seu próprio professor, para os colegas da sala, para a comunidade escolar, para a banca examinadora e também para além dos muros da escola, tendo em

vista a circulação social. “O estudante precisa se familiarizar com o gênero, conhecer sua função social, dominar as condições de produção, para candidatar-se à autoria e conquistar o protagonismo”.

Nesse trabalho, o estudante tem pela frente alguns desafios: encontrar a justa medida para uma interlocução bem feita com todos os envolvidos; descobrir o “fio da meada” e dominar os modos de tecer o texto; fazer a progressão textual. Além disso, é preciso saber que em cada gênero os fios da meada, os modos de tecer as tramas e a forma composicional do gênero são diferentes.

Para dar conta dessas tarefas, o aluno precisa recorrer à leitura, à oralidade, aos conhecimentos sobre língua e linguagem e, portanto, vai ter que articular capacidades de uso e de reflexão e análise sobre a língua e a linguagem. O professor, por sua vez, não pode perder de vista as etapas de organização do trabalho da escrita: o planejamento da escrita em si, a leitura crítica da produção, a revisão e a reescrita final do texto.

Nesse sentido é possível pensarmos em três momentos do trabalho com a escrita:

- a) **o do escriba:** aquele que grafa, transpõe o texto que não teceu;
- b) **o do produtor de texto:** quem produz o próprio texto é o protagonista da cena;
- c) **o do autor:** ao tornar o texto público, conquista a progressiva autoria e autonomia na escrita.

O professor Egon ressaltou, ainda, que a autoria não depende só do bom desempenho de um produtor de textos, mas também do seu reconhecimento social. A perspectiva é da conquista progressiva da autonomia na escrita e da efetiva autoria dos alunos.

### ■ Poema brinca com a palavra

Ana Elvira Gebara (Fundação Getúlio Vargas) destacou que, ao trazer o poema para a sala de aula é preciso pensar em sua função social, na tradição poética de séculos e nas múltiplas representações, tanto as que se foram quanto as que permanecem, e as que se



recriam em novos gêneros. A ausência de uma função social clara desse gênero coloca alunos e outros grupos de nossa sociedade numa situação de desconfiança: por que estudar o poema se não apresenta utilidade em si?

Na análise que fez dos poemas, Ana Elvira percebeu que os alunos-poetas envolvidos no que têm a dizer “ignoraram que, no poema, conteúdo e forma mantêm uma relação constitutiva de sentidos”. Segundo a pesquisadora, para atenderem ao tema “O lugar onde vivo” foram buscar a poesia laudatória, poemas que não têm uma circulação social tão frequente, para enaltecer as belezas da natureza e os aspectos da cultura local. Assim, buscavam encantar e persuadir o leitor.

“Mostraram o orgulho pela cidade, criando uma função utilitária para o poema. Trataram-no como *slogan*, fôlder da agência de turismo: ‘Venha conhecer a cidade!’. Esse tipo de verso apontou para a interferência de um gênero da esfera publicitária, como se os alunos-poetas propusessem um caminho para conferir um caráter legítimo ao texto, uma maneira de se apropriar do tema”, explicou. Eles também lançaram mão da estrutura da prosa e de sua força discursiva usando imperativos, diminutivos ou ainda palavras de valor afetivo para convencer o leitor.

Os textos evidenciaram que a rima e a preocupação com a distribuição gráfica adequada, a regularidade no aspecto visual dos versos e estrofes foram traços marcantes em boa parte dos poemas observados na amostra.

No encerramento de sua participação, Ana Elvira recomendou aos professores que instigassem a confiança dos alunos-poetas: “Deixe-os brincar com jogos de palavras, exercitar a escolha lexical, buscar novas formas de expressão e sentidos do gênero poético. O poema insinua, reconstrói o espaço,

brinca com a linguagem, com as figuras, com os sons, com o metro e o ritmo, com as imagens sugeridas: o nome da cidade, um traço peculiar do lugar, as pessoas, as comidas, as festas. O poema quer você inteiro, no centro de tudo, como autoridade na língua, sobre a língua e com a língua”.

## ■ Memórias que viram histórias

A professora Elizabeth Marcuschi (Universidade Federal de Pernambuco) apresentou um panorama sobre o estudo da produção escrita dos alunos no gênero “memórias literárias”, gênero que, no Brasil, não possui produção expressiva se comparado a outros gêneros, como contos, crônicas e poemas, que circulam de forma mais ampla nas práticas sociais, ela explicou: “Esse gênero não tem tradição escolar, não frequenta os livros e materiais didáticos; portanto, o aluno não conviveu, não foi imerso nesse gênero, como já o fez em outros”.

No gênero memórias literárias, o relato de experiência é observado a uma distância temporal, embaralhando o que é real e o que é ficção, entrelaçando a vida vivida com a vida inventada. O autor conta causos, fatos



vivenciados por ele, com olhar próprio, sem o compromisso com a exatidão, com a verdade. Ainda segundo Marcuschi, o aluno-autor “escreve para um leitor distinto, contemporâneo; utiliza o jogo da narrativa, a inventividade da linguagem e a singularidade da estética literária para envolver o leitor. As ‘memórias’ não são propriamente do aluno-autor, mas de uma terceira pessoa, cuja perspectiva, todavia, precisa ser assumida pelo narrador-autor em primeira pessoa”. Por isso, explica, “cabe ao aprendiz recorrer às entrevistas para recuperar lembranças sobre o passado da localidade pela perspectiva de um antigo morador; apresentar as reminiscências recolhidas como se elas fossem suas, ou seja, escrever uma narrativa em primeira pessoa e cuidar para que o texto entremeie acontecimentos reais e ficcionais, com uma linguagem própria, autoral e pertinente à esfera da literatura”.

Por isso a relevância da escolha adequada da pessoa a ser entrevistada, que deve não apenas conhecer histórias antigas do lugar, mas também saber contá-las com vivacidade e envolvimento, de modo que motive os aprendizes a reconstruí-las com um enfoque pessoal, sem perder de vista o tom literário.

A professora também chamou a atenção para a preparação da entrevista, que precisa ganhar espaço no encaminhamento pedagógico, pois perguntas que “não rendem”, não estimulam o entrevistado a falar, e perguntas não direcionadas para o tema em questão tendem a oferecer pouco material para registro.

“Na amostra, observou-se que os alunos reconstruíram as lembranças de tempos antigos, mas não retrataram aspectos singulares, próprios, da identidade do lugar; o ponto de vista narrativo oscilou entre a primeira e a terceira pessoa; o entrelaçamento realidade/ficção e o uso da linguagem literária foram bastante restritos”, afirmou.

Marcuschi lembrou que para muitos aprendizes o trabalho nas oficinas possibilitou o contato sistematizado com a elaborada estratégia discursiva de lidar com as múltiplas vozes do discurso, a oportunidade de ampliar sua bagagem de leitura literária; a chance de desenvolver competências de escrita para interagir com o mundo e, na posição de autor, se expor à crítica para além da sala de aula.

## ■ Retrato do cotidiano

A professora Cloris Porto Torquato, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, analisou as crônicas produzidas. Ela falou da importância que o estudo apresentado terá para os professores: “Ele trouxe para discussão as múltiplas faces desse gênero”.

A crônica, por conversar com o poema, com a notícia, com a reportagem e com o conto, traz uma pitada de ficção, a marca do encontro entre jornalismo e literatura. O olhar atento do cronista aprende a recortar o episódio, a capturar o instante, a descobrir a graça e a beleza da vida como ela é, disse Torquato.



“E como são os textos produzidos pelos alunos-autores? A maioria dos textos abordou algum fato corriqueiro, uma pessoa ou um detalhe observado no ônibus, na rua, na praça, na escola, na padaria, no jogo de futebol. Exploram os sentidos olfativos, gustativos, auditivos, o fazer das mulheres na comunidade, os modos de ação de algum político. Entretanto, muitas crônicas revelam dificuldade no recorte do tema e na definição do tom do texto. Boa parte dos alunos-autores escreveu para o concurso, narrou pensando na interlocução com os examinadores. Na expectativa de apresentar de forma bastante favorável a própria cidade, os alunos produziram textos que estariam mais adequados para revistas ou encartes de jornal de turismo.”

A narrativa permite observar o narrador – o que ele faz e pensa – e acompanhar a ação e reflexão do personagem. Torquato enfatizou o fato de a literatura permitir criar imagem, efeito surpresa e olhar a vida “vivi-da” e a vida “inventada”. Os aspectos linguísticos – frase nominal, verbo no presente, no pretérito – são fundamentais para dar sentido ao texto e conduzir o leitor. “O aluno-autor tem que buscar as palavras, achar a estrutura de sentenças adequadas, trazer o humor, a leveza, a emoção para a cena que ele vai narrar, privilegiando a linguagem coloquial. O diálogo com o leitor tem que pensar no efeito que ele quer causar.”

Outro aspecto que ela ressalta na amostra é a caracterização do tom da crônica. Alguns textos são mais críticos, outros humorísticos, outros irônicos ou líricos, e há, até mesmo, os saudosistas, mas a maioria das crônicas, segundo a professora, relata ou descreve um acontecimento, sem utilizar o vocabulário e a pontuação como um recurso linguístico que pudesse definir o tom do texto. Este “assemelha-se às lentes de uma máquina fotográfica ou aos recursos de manipulação da fotografia, os efeitos que se quer produzir no observador; no caso dos textos, do efeito que se quer atingir no leitor”, explicou.

A linguista ainda sugeriu que o professor selecione entre os textos dos alunos um conjunto deles que precise de ajustes quanto ao tema; outro, que possa ser reescrito visando uma maior adequação do ponto de vista do observador; outro, ainda, que passe pela análise da turma quanto ao tom adotado ou quanto às convenções da escrita, e assim por diante. “Assim, o professor focalizará, na prática, que o segredo de escrever crônicas interessantes é reescrevê-las inúmeras vezes.”

## ■ Faces da argumentação

Última pesquisadora a falar, Ana Luiza Marcondes Garcia, da PUC-SP, fez uma retrospectiva do que observou nos artigos de opinião analisados na amostra. Esse tipo de

texto nasceu e existe na imprensa para analisar e discutir a realidade. É um gênero de relevância social, de interesse público: “proporciona um debate cujas respostas podem afetar a vida de muitas pessoas”.

“Os estudantes brasileiros querem e *gostam* de opinar”, disse Ana Luiza. “Revelaram-se capazes de identificar e de preocupar-se com questões sociais. Têm o que dizer acerca dos problemas que afetam o coletivo, partem de uma situação local que provoca a justa indignação do autor.”

Ao escrever um artigo de opinião, o aluno-autor, nessa amostra, realizou o seguinte percurso: primeiro, ofereceu ao leitor uma descrição da cidade, suas características principais, peculiaridades, belezas “inigualáveis”, vantagens geográficas, atrações culturais; em seguida, expôs fatos ligados à situação local que provocam indignação, dificuldades, problemas, transtorno ou injustiça para os moradores. “Percebeu-se que ao expor a situação os estudantes assumem uma posição, escolhem palavras e expressões avaliativas, expressam sua opinião não em relação à natureza do problema, mas em relação ao que deveria ser feito para solucionar o problema.”

O trabalho com artigo de opinião requer ajustes. O tom que predomina é o da denúncia. Para a professora, o “jogo argumentativo” ainda não está firmemente estabelecido, faltam análise e detalhamento das duas faces da questão polêmica.

Como nesse gênero a palavra-chave é argumentar, trabalhar com os fatos, dados, posições, citações de autoridade que convençam o leitor, o aluno-autor precisa formular claramente a polêmica, posicionar-se, dar sua opinião em relação a ela, debruçar-se

sobre o que foi dito acerca da questão para inserir o leitor no debate. Deve, portanto, expor claramente sua posição, incorporar outras vozes para sustentar, corroborar ou considerar os contra-argumentos, para depois refutá-los. “O texto só será convincente se o aluno tiver uma posição clara, souber selecionar as argumentações, não ignorar a posição contrária, abandonar o tom impositivo e adotar uma postura de negociação.”

No artigo de opinião é fundamental articular o local, a posição pessoal, o que aconteceu na cidade, com o que é generalizado, explorar a posição do outro, transformar a reflexão em interesse público coletivo. Por isso, “estabelecer uma articulação lógica das ideias no texto, o uso de conectivos que apontam as questões argumentativas que convencem o leitor, o faz acreditar que o aluno-autor tem razão”.

Ana Luiza também reforçou dois aspectos que podem ser explorados no trabalho em sala de aula: o recorte e a formulação da questão polêmica; e a consideração das posições contrárias para fortalecer a própria posição. Para isso, sugeriu a organização de debates, a pesquisa com sustentação de sua posição e o jogo *Q. P. Brasil: Questões Polêmicas do Brasil – O jogo da argumentação*, para que os jovens se coloquem na pele dos opositores, conheçam os diferentes tipos de argumento e demonstrem disposição para o diálogo.

Ela finalizou falando da importância de os professores ensinarem aos estudantes a refinar as estratégias argumentativas para que possam perceber que o artigo de opinião não se opera pela simples formulação de ideias, mas pela fundamentação e negociação de posições.





“Aprendi nessas férias a brincar com as palavras.  
Comecei a não gostar da palavra engavetada.  
Aquele que não pode mudar de lugar.  
Aprendi a gostar mais das palavras pelo que  
elas entoam do que pelo que elas informam.”

Manoel de Barros

# Para ajudar a memória

Após o estudo dos textos dos alunos e a análise dos materiais que compõem a Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* da edição 2010 relativos ao gênero *memórias literárias*, a linguista Elizabeth Marcuschi<sup>1</sup> deu indicações para que o professor possa aprofundar o trabalho com descrição (Oficina 6) e progressão textual (Oficina 8) do Caderno de Orientação *Se bem me lembro...* Com base em suas orientações, apresentamos algumas sugestões de atividades.



1. Elizabeth Marcuschi Professora associada III da Universidade Federal de Pernambuco; atua no Departamento de Letras em graduação e pós-graduação.

## 1ª atividade

### Trocando em miúdos

#### ■ Meta: Ampliar o debate sobre as características da descrição

No gênero memórias literárias a descrição de cenas, lugares, personagens, costumes, impressões, sensações podem enredar o leitor e aproximá-lo da experiência relatada pelo autor do texto. O professor, em sala de aula, pode propor atividades que contribuam para a compreensão da relevância de um detalhamento na construção da descrição. Inicie a atividade conversando com os alunos sobre o autor do livro *Por parte do pai* de Bartolomeu Campos de Queirós.

**Bartolomeu Campos de Queirós** nasceu em 1944, viveu sua infância em Papagaios, interior de Minas Gerais, e faleceu em 2012, em Belo Horizonte (MG). Autor de poemas e histórias infantis e juvenis, educador, crítico de arte, museógrafo e ensaísta, tem mais de quarenta livros publicados. Atuou em importantes projetos de leitura no Brasil, como o ProLer, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao Ministério da Cultura (Minc), dando conferências e seminários para professores sobre leitura e literatura. É idealizador do Movimento por um Brasil Literário, do qual participou ativamente. Por suas realizações, Bartolomeu coleciona láureas literárias importantes, como Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil pela APCA, Jabuti, FNLIJ e Academia Brasileira de Letras.



Em seguida, solicite aos alunos que leiam os dois trechos que seguem – o primeiro, adaptado (copie-o na lousa) e o segundo reproduzido do original (página 8 da *Coletânea memórias literárias* que acompanha o Caderno de Orientação do Professor *Se bem me lembro...*).

Na janela meu avô espreitava a rua da Paciência. Nascia lá em cima, entre as casas e se espichava, morro abaixo. Morria num largo com sapataria, armazém, armarinho, no Alto de São Francisco.

[...] Eu brincava na rua, procurando o além dos olhos, entre pedras calçando a rua da Paciência. Depois das chuvas, essas pedras ficavam lisas, cercadas de umidade. Nas enxurradas desciam lascas de malacheta brilhando como ouro e prata.

Bartolomeu Campos de Queirós. *Por parte do pai*. (Adaptado)

Debruçado na janela meu avô espreitava a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. Morria depois da curva, num largo com sapataria, armazém, armarinho, farmácia, igreja, tudo perto da escola Maria Tangará, no Alto de São Francisco.

[...] Eu brincava na rua, procurando o além dos olhos, entre pedras redondas e irregulares, calçando a rua da Paciência. Depois das chuvas, essas pedras centenárias, cinza, ficavam lisas e limpas, cerçadas de umidade e areia lavada. Nas enxurradas desciam lascas de malacheta brilhando como ouro e prata, conforme a luz do sol.

Bartolomeu Campos de Queirós. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

Após a leitura, pergunte a respeito das diferenças percebidas entre os trechos lidos. Solicite aos alunos que indiquem o texto no qual “rua da Paciência” pode ser mais bem “visualizada” e que justifiquem sua escolha. Destaque a importância da adjetivação e das expressões caracterizadoras de lugar e de modo na construção da descrição.

Para explorar um pouco mais a descrição, peça aos alunos que elejam um lugar na cidade (rua, praça, feira), ou um morador conhecido do lugar, ou ainda uma pessoa querida da família para observar e descrever, fazer uma espécie de fotografia usando o recurso das palavras. Disponibilize dicionários de sinônimos e antônimos, de analogia, de rimas, de expressões regionais para consulta.

Outro recurso importante para ampliar o repertório dos alunos é a análise de trechos de textos literários que tenham descrições peculiares, como os exemplos a seguir:

[...] Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. [...]

Machado de Assis. “A causa secreta”, in: *Gazeta de Notícias*, 1/8/1885.

Fonte: <[www.machadodeassis.org.br](http://www.machadodeassis.org.br)>.

[...] Meu pai determinou que eu principiasse a leitura. Principiei. Mastigando as palavras, gaguejando, gemendo uma cantilena medonha, indiferente à pontuação, saltando linhas e repisando linhas, alcancei o fim da página, sem ouvir gritos. Parei surpreso, virei a folha, continuei a arrastar-me na gemedeira, como um carro em estrada cheia de buracos.

Graciliano Ramos. “Os astrônomos”, in: *Infância*. 45ª ed.

Rio de Janeiro: Record, 2010.

[...] O carvoeiro e o lenhador de há muito tiraram os restos de matas que deviam bordá-la; e, hoje, é com alegria que se vê, de onde em onde, algumas mangueiras majestosas a quebrar a monotonia, a esterilidade decorativa de imensos capinzais sem limites.

Essa estrada real, estrada de rei, é atualmente uma estrada de pobres; e as velhas casas de fazenda, ao alto das meias-laranjas, não escaparam ao retalho para casas de cômodos. Eu a vejo todo dia de manhã, ao sair de casa e é minha admiração apreciar a intensidade de sua vida, a prestantia do carvoeiro, em servir a minha vasta cidade.

Lima Barreto. "Manel Capineiro", in: *O homem que sabia javanês e outros contos*. Polo Editorial do Paraná, Edição integral, 1997, p.36.

A descrição oferece ao leitor a oportunidade de visualizar a paisagem, as características dos personagens, conhecer detalhes do cenário em que a narrativa se desenrola. A descrição pode ser objetiva, impessoal, realista ou subjetiva, em que refletem as impressões, as preferências pessoais do observador.

## 2ª atividade

### Ideias bem costuradas

#### ■ Meta – Explorar a articulação e a progressão textuais

Os textos, de forma geral, e os gêneros, de modo particular, devem preservar certa articulação entre temas e informações disponibilizados. No caso do gênero memórias literárias essa articulação possibilita ao leitor tanto situar-se mais adequadamente em relação ao contexto descrito, quanto compreender melhor as histórias narradas.

Providencie para os alunos cópias do trecho abaixo, adaptado do livro *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky:

E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos – passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical – ao alto do Corcovado. Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais “divino” ao natural, sem ela. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar – ai, que emoção – pelo funicular, o “bondinho” pendurado entre aqueles enormes rochedos. Papai e mamãe, mais o primo – feliz proprietário de uma “baratinha” –, nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro.

Organize a turma em duplas. Peça aos alunos que leiam o trecho e observem a sequência em que as informações são apresentadas e de que forma isso ajuda ou dificulta a compreensão do texto. Pergunte-lhes sobre o que foi observado na leitura. O professor pode anotar na lousa as ideias apresentadas para ajudar na discussão.

Explique aos jovens que, no processo de escrita, devemos cuidar para que a organização e a articulação entre as informações do texto favoreçam sua leitura por outras pessoas.

Apresente o texto original (veja abaixo), de Tatiana Belinky, e converse sobre a autora. Convide as duplas a lerem o texto e que registrem no caderno algumas das estratégias utilizadas pela autora para dar fluência e continuidade ao texto. Caso a escola disponha de *datashow*, posteriormente projete o texto do CD que acompanha o caderno *Se bem me lembro...*, e debata com os alunos os recursos empregados por Tatiana para articular sua narrativa.

[...] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo – feliz proprietário de uma “baratinha” – nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar – ai, que emoção – pelo funicular, o “bondinho” pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos – passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical – ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais “divino” ao natural, sem ela.

Tatiana Belinky, *Transplante de menina*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.



Antonieta Rizzotti Oliveira

**Tatiana Belinky Gouveia** nasceu em São Petersburgo, Rússia, em 1919, e aos 10 anos emigrou com a família para São Paulo. Em 1940 casou-se com o médico psiquiatra Júlio Gouveia (1914-1989). Com o marido, adaptou obras infantis para a TV – como *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, entre outros clássicos. Tatiana é autora de histórias e poemas infantis, tradutora, roteirista de televisão, e consagrou-se principalmente por sua obra para crianças. Seus livros e traduções já receberam diversos prêmios, como o Nestlé, o Jabuti e o Melhor para Criança da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

### 3ª atividade

## O fio da meada

### ■ Meta – Identificar os recursos utilizados para articulação do texto

Divida a turma em grupos e entregue o trecho do livro *Por parte de pai*. Lembre aos alunos que o texto foi escrito por Bartolomeu Campos de Queirós. Instigue-os a identificar e registrar no caderno “os ganchos”, recursos utilizados pelo autor para garantir a articulação do texto e ativar o interesse do leitor. Em seguida, discuta coletivamente os resultados encontrados pelos grupos.

(...) O café, colhido no quintal de casa, dava para o ano todo, gabava meu avó, espalhando a colheita pelo chão de terreiro, para secar. O quintal se estendia para muito depois do olhar, acordando surpresa em cada sombra. Torrado em panela de ferro, o café era moído preso no portal da cozinha. O café do bule era grosso e forte, o da cafeteira, fraco e doce. Um para adultos e outro para crianças. O aroma do café se espalhava pela casa, despertando a vontade de mastigar queijo, saborear bolo de fubá, comer biscoito de polvilho, assado em forno de cupim. (...) Minha avó, coado o café, deixava o bule e a cafeteira sobre a mesa forrada com toalha de ponto cruz, e esperava as quitandeiras.

Bartolomeu Campos de Queirós. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

As repetições, os pronomes, as preposições,  
as palavras denotativas,  
unem o que foi dito com o que se vai dizer,  
construindo o sentido do texto.

Outras interessantes sugestões de atividade para desenvolver o trabalho com o gênero memórias literárias estarão disponíveis no site < [www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br) > .

# Palavras,

Sírio Possenti

Se você é professor de português (ou linguista), certamente já ouviu uma das seguintes perguntas: a) a palavra “x” existe? Como se escreve a palavra “y”? Qual é a pronúncia correta da palavra “z”? Qual o sentido da palavra “w”? Se você não é nem professor de português nem linguista (e mesmo sendo), certamente também já fez alguma dessas perguntas, ou todas. A razão para sua ocorrência constante é que elas são as questões mais comuns que ocorrem aos falantes curiosos em relação às palavras ou às possíveis palavras de uma língua.

Em geral, espera-se que haja para essas perguntas uma resposta categórica, do tipo sim-não (tal palavra existe, tal palavra não existe) ou tipo “a” ou “b” (a escrita correta é tal, a pronúncia correta é tal, o sentido da palavra é esse e não aquele).

Essas respostas são certamente as esperadas, mas, invariavelmente, repostas categóricas como essas são problemáticas. Pelo menos, são frequentemente problemáticas. Respostas mais adequadas são de natureza diferente, mais ou menos como as seguintes: a) Se tal palavra existe? Depende. Você não acabou de dizê-la? Ouviu de quem? Ou: que eu sabia, não. Ou: é usada em tal região, e em tal profissão. Ou: existe, é uma palavra francesa (ou inglesa, ou da língua tal e tal). A pronúncia? No sul ou norte? Neste século ou no passado? No Brasil ou em Portugal (na Inglaterra ou nos Estados Unidos)? Como se escreve? Veja no dicionário, mas saiba que sua grafia já foi outra. Você viu essa palavra escrita de forma estranha? Quer saber por que isso ocorre? Bem, uma grafia errada tem muitas vezes boas explicações. O sentido da palavra? Ih, meu, agora ficou difícil. Em geral, as palavras significam

1. In: Sírio Possenti. *A cor da língua e outras crônicas de linguista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, pp. 125-126.

# PALAVRAS, PALAVRAS<sup>1</sup>

Hipsilo  
se escreve  
com agã.

e Dáblío  
se escreve  
com Dê



tantas coisas! Você já olhou num dicionário? Já notou que é difícil encontrar palavras com um sentido só? Nunca olhou? Faça uma experiência: comece bem no começo. Bem no começo mesmo, no “a”. Você verá que nem mesmo o “a” é uma coisa só. Descobrirá o óbvio: que o “a” pode ser uma letra, uma preposição, um artigo, uma conjunção, uma vogal.

Estamos (ou estivemos) muito acostumados a uma ideia normativa da língua. Ela seria imóvel, imutável, fixa. Seria, ainda, um código perfeito. Por isso, cada pergunta deveria ter uma resposta só, e correta desde sempre e para sempre. Mas a realidade não é assim. Isso só poderia valer para uma língua inventada (e que não funcionaria de jeito nenhum). As línguas costumam ter alguns aspectos rigidamente organizados e outros móveis e variáveis. O princípio vale também para as palavras. Às vezes, é muito difícil decidir se uma palavra existe, ter certeza de sua pronúncia-padrão, ou ter outras certezas, qualquer uma.

Faça testes com palavras como “obeso”, “bandeja”, “caranguejo” etc. E não se esqueça de discutir a pronúncia de “subsistir”, por favor. Para saber o sentido das palavras, frequentemente temos que saber em que contexto foram usadas. Há muitas coisas interessantes sobre as palavras, além de sua impossível uniformidade e bom comportamento, que fomos acostumados a procurar descobrir. Aliás, é muito interessante olhar para elas como se olha para outros fenômenos da natureza. É mais instigante querer saber como se comportam de fato no mundo (o mundo de uma língua é seu uso por muitos falantes bastante diferenciados em numerosos contextos), do que querer congelá-las numa redoma.



# Bem-vindos à terceira edição da Olimpíada!

Em 2012, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* quer envolver os educadores das escolas públicas das diversas regiões do país, que batalham pelo aprimoramento do ensino da leitura e da escrita na educação básica. Muito mais que um concurso de textos, a Olimpíada é uma oportunidade para que os professores entrem em contato com uma metodologia de trabalho de leitura e produção de texto articulada aos conteúdos previstos para cada ano escolar.

## ■ Aceite o convite, inscreva-se!

Ao inscrever-se no concurso, o professor tem acesso à Coleção da Olimpíada (Cadernos do Professor: *Poetas da escola, Se bem me lembro...*, *A ocasião faz o escritor* e *Pontos de vista*; Coletânea de texto e CD-ROM para ouvir, imprimir e apresentar em *datashow*), materiais que estarão disponíveis no *site* da Olimpíada < [www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br) > .

## ■ Quem pode participar

Professores que estejam lecionando em 2012 e alunos matriculados em instituições de ensino mantidas pela União, pelo Distrito Federal, pelo poder público estadual ou municipal, podem se inscrever nos seguintes gêneros e anos escolares:

GÊNEROS	ANOS ESCOLARES
Poema	5º e 6º anos / 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental
Memórias	7º e 8º anos / 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental
Crônica	9º ano / 8ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio
Artigo de opinião	2º e 3º anos do Ensino Médio

## ■ Como participar

### Primeiro passo

#### ■ Adesão das redes de ensino estadual e municipal

As secretarias de Educação estaduais, municipais e do Distrito Federal, por meio de seus secretários, deverão, durante o período de **19/3/2012 a 25/5/2012**, preencher e enviar pela internet o termo de adesão que está disponível no *site* mencionado acima.

## Segundo passo

### ■ Inscrição dos professores

Os professores poderão se inscrever – com a autorização/anuência do diretor da escola – na Olimpíada, no período de **19/3/2012 a 25/5/2012**.

A inscrição é gratuita e realizada somente pela internet. A ficha de inscrição eletrônica está disponível para preenchimento e envio no *site* da Olimpíada.

O professor que leciona em mais de uma escola deverá fazer uma inscrição para cada escola, garantindo, assim, a participação de todos os seus alunos.

## Terceiro passo

### ■ Formação a distância

Após a inscrição, o professor começa a receber a revista *Na Ponta do Lápis*, uma publicação periódica com artigos, entrevistas, textos literários, análise de produção de alunos e relatos de prática docente, e também estará automaticamente cadastrado na Comunidade Virtual da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, uma oportunidade de formação a distância, voltada para o ensino de língua – um espaço para que integrantes de todo o Brasil possam trocar informações e experiências e participar de cursos *on-line*.

O professor de língua portuguesa poderá se inscrever nas novas turmas para o curso virtual “Sequência didática: aprendendo por meio de resenhas”. O curso possibilita vivenciar uma sequência didática (SD) para escrever a resenha de um produto cultural e, a partir dessa vivência, compreender quais são os princípios do trabalho com gêneros e com SD na escola. Para mais informações acesse o *site* da Olimpíada.

### ■ Fique atento ao cronograma da Olimpíada

19/3/2012	Lançamento nacional em São Paulo
19/3 a 20/4	Lançamentos regionais: Belém, Goiânia, Curitiba, Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador
19/3 a 25/5	Inscrição do professor e adesão das secretarias de Educação
19/3 a 3/9	Oficinas nas escolas
3/9 a 5/9	Comissão Julgadora Escolar
Setembro	Comissão Julgadora Municipal
Setembro / Outubro	Comissão Julgadora Estadual
Novembro	Encontros regionais
Dezembro	Comissão Julgadora Nacional e Encontro Nacional